

letra

o jornal do alfabetizador



MALA DIRETA
POSTAL
73878095 DE-MG
CEALE/UFMG

DEVOLUÇÃO
GARANTIDA
...CORREIOS...

ISSN 1808-0650
0771808065041

Belo Horizonte, agosto/setembro de 2008 - Ano 4 - nº 15



8

Qualidade das escolas

Fatores que contribuem para o aprendizado do aluno

7

Diários

Literatura confessional em sala de aula

5

Coesão e coerência

Como trabalhar esses elementos nas séries iniciais

12

Entrevista: Max Butlen

Os desafios na formação de leitores polivalentes

3

Troca de idéias

Qual a relação entre literatura e a alfabetização?

Qual é a relação entre a literatura e a alfabetização?



Foto: Paulo Mendes



BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIROZ é escritor e vencedor de prêmios como o "Jairati", "São de Ouro" e "O Melhor para a Criança" Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Alfabetizar não é apenas ensinar ao aluno como juntar e separar letras. Alfabetizar é motivar o sujeito a travar diálogo com as diversas faces do mundo. Acredito que o desejo de ser alfabetizado nasce na medida em que descobrimos que a história do mundo em que vivemos — anterior a nós e depois de nós — está, em grande parte, escrita e por escrever. Toda experiência da nossa memória é construída pela soma do mistério vivido ao mistério sonhado. E tanto o sonhado como o vivido estão escritos em diversas categorias de textos, da ciência à arte.

O alfabetizando porta vivências tanto do real como do imaginário. Ele possui uma vida exercida e um desejo a ser realizado, e sua inteireza está em não privilegiar um de seus tantos níveis de emoções. Mas a literatura, por não ignorar as fantasias humanas, traz à tona questões particulares que residem na intimidade mais profunda de nós, desde a inquietação do nascimento até o mistério da morte. A literatura conversa com o nosso silêncio. A literatura permite que nossos fantasmas venham à superfície tendo como objeto a palavra. A alfabetização instrumentaliza o sujeito para que ele se enriqueça com o conhecimento do outro e estenda ao mundo sua intuição poética pela prática da leitura e da escrita. Também no alfabetizar, é a palavra que está em questão.

Reconhecer o texto literário como capaz de mover também o alfabetizando inteiro, por dialogar sobre aspectos fundamentais da existência, torna sua função indispensável nos tantos processos de ler e escrever. Indo além, todo conhecimento adquirido pela literatura nos chega vestido de beleza. Ser alfabetizado pela literatura é alfabetizar-se em sensibilidade. Se o texto literário nos leva a pensar e nos "dá a palavra", também a alfabetização se efetiva quando os alunos percebem que pensar é trabalho, é um ato operatório. Sem exercer o pensamento não se adentra no mundo. Lê e inteirar-se da experiência do outro, e escrever é dizer ao outro o que há de singular em nós. Pela literatura, as relações com a vida e com os outros se tornam mais cuidadosas e nossa fragilidade mais compreensível. Alfabetizar não é abrihntar a personalidade do aluno com mais uma técnica de leitura e escrita. Alfabetiza-se para dar melhor sentido ao ato de viver. Também a literatura não deseja outro coisa.



Foto: Paulo Mendes



ANACLÁ ESTRELA DE AZEVEDO é escritora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Recentemente, participei de um evento acadêmico em que se decretou a morte da literatura nas escolas. Tal afirmação referia-se ao uso "escolar" e pragmático do texto e responsabilizava os professores pelo massacre das obras literárias, impedindo os alunos de usufruírem o prazer de ler. Diversas pesquisas mostram que, no Brasil, 73% dos livros estão concentrados nas mãos de 16% da população e que 89% dos municípios não têm bibliotecas públicas. As bem equipadas estão localizadas nas áreas urbanas ou nas áreas centrais das grandes cidades do país. Bibliotecas escolares são raras e, quando existem, os professores sentem-se inseguros sobre como utilizá-las, que tipo de atividades o texto literário permite realizar, como explorá-lo e como integrá-lo ao planejamento escolar e ao cotidiano da sala de aula. No entanto, em sociedades como a nossa, a escola ainda é, para boa parte da população, o primeiro e mais importante lugar de contato com o livro e com o texto literário. O trabalho com a literatura é produtivo e necessário para o desenvolvimento da alfabetização, porque favorece a reflexão individual e coletiva, constitui um convite privilegiado ao diálogo, à participação, à contraposição de idéias, de sentidos, de visões de mundo. A literatura possibilita estabelecer novas relações com o texto escrito a partir das múltiplas leituras que ela oferece, permitindo examinar pontos de contato entre língua escrita e oralidade e destacar suas especificidades. Trabalho de reflexão que não deve se restringir apenas ao início do processo de aquisição da escrita. É necessário instituir espaços de debate para pensarmos sobre a relevância da literatura no processo de alfabetização. Para socializar experiências com textos literários em sala de aula e propor projetos político-pedagógicos centrados na escola como espaço de formação de leitores. Debates como esses podem contribuir para que a literatura "reviva" nas escolas. Sem perder de vista a importância de reivindicar o estabelecimento de mecanismos de distribuição mais justa e democrática dos bens culturais e melhores condições de trabalho para os professores, incluindo, necessariamente, espaços de encontro, diálogo, intercâmbio e reflexão.

DICIONÁRIO DA ALFABETIZAÇÃO

Gramática

Na longa história da reflexão sobre a linguagem, a palavra *gramática* (do grego, *gramma*, "letra") aparece com diferentes sentidos. Vamos nos restringir à abordagem do tema "teoria de estudo das línguas humanas". Nesse sentido, podem ser estabelecidas duas tradições de estudo: a Tradição Gramatical e a Tradição Linguística.

Na chamada Tradição Gramatical ou gramática tradicional, cuja origem remonta a mais de dois milênios, a tarefa do gramático se desdobra em duas: uma descritiva, que consiste em descrever a língua, dizer o que ela é; e uma prescritiva, normativa, que implica dizer como deve ser o uso linguístico. Para cumprir essas tarefas, é fundamental constituir um *corpus* de exemplos em torno do qual sejam postas as descrições e as normas de uso da língua. A vinculação de origem com a escrita e o grande mito que se ergueu

em torno da escrita na nossa cultura levaram ao predomínio absoluto de exemplos da escrita (com privilégio da escrita literária) nas gramáticas tradicionais. Na tarefa normativa e pedagógica dessas gramáticas, a escrita mantém-se, portanto, como modelo único. Em muitas gramáticas, a língua padrão aparece como um sistema estático, de regras fixas e imutáveis, como se houvesse uma norma única para toda situação interacional, falada ou escrita, formal ou informal. No entanto, essa concepção não corresponde aos usos efetivos da língua nas diferentes práticas sociais.

Como as gramáticas tradicionais são as obras de referência mais usadas pelos professores de Ensino Fundamental e Médio, isso traz consequências diretas para os programas de ensino. Muitos deles são propostos para uma espécie de réplica simplificada dessas obras,

destacando aspectos formais da morfossintaxe (classes de palavras e estrutura da oração) e incluindo regras de concordância, regência, colocação gramatical.

A principal diferença dos estudos gramaticais na Tradição Linguística contemporânea, que teve início no século XX, está no reconhecimento da diversidade dos usos linguísticos. Já que comunidades linguísticas são também comunidades sociais, econômicas, culturais e políticas diferentes entre si, uma gramática dos usos¹ deve seguir modelos distintos e flexíveis, considerando tais diferenças. Quanto ao aspecto normativo, cabe à gramática colocar ao alcance do cidadão as normas reguladoras da variedade linguística padrão, a serem consideradas a partir de parâmetros reais de uso, tais como, a modalidade, oral ou escrita, a formalidade ou informalidade da situação de interação e a natureza do suporte textual.



NÉLIDA SILVA MORAES é professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Gosto de aprender

Receitas que ajudam na alfabetização

(DANIELA MERCIER)

No município de Lavras (MG), a professora Tatiana Alvarenga desenvolveu uma atividade diferente e gostosa com as crianças da fase introdutória: fazer receitas. Com o projeto "Que delícia de aprendizagem", realizado em 2007, Tatiana pretendia aprimorar a leitura e a escrita dos alunos com atividades significativas e prazerosas. "Eu percebia que o recreio, hora em que elas iam lanchar, era um momento muito prazeroso para as crianças. Então, tentei levar isso para dentro da sala de aula", conta a professora.

A cada 15 dias, ela e os alunos escolhiam uma receita que seria desenvolvida na sala. As crianças levavam sugestões de casa e, em roda, justificavam sua escolha para a turma — momento que era aproveitado pela professora para trabalhar a oralidade. Depois de escolhida a receita, era a hora de selecionar os ingredientes e dividir as tarefas entre os alunos. "Cada um levava uma coisa",

comenta. A partir da discussão sobre as proporções de ingredientes usados nas receitas e sobre o preço dos produtos, foram trabalhadas as habilidades matemáticas. "Tudo era aproveitado."

As atividades duravam uma aula inteira. Na primeira parte, os alunos faziam a receita e degustavam a comida. Depois, eles registravam os procedimentos e escreviam suas impressões. "Trabalhava o concreto antes e o teórico depois", explica a professora. Para a produção escrita, os alunos tinham um caderno próprio, que ela usava para acompanhar o desenvolvimento das crianças na alfabetização.

Segundo Tatiana Alvarenga, a aceitação do projeto foi muito boa e os alunos tiveram alto índice de aprendizagem. "Eles descobriram a aprendizagem de uma forma diferente, prazerosa e espontânea. Eu só dei um suporte", justifica.

Era uma vez...

Contar e recontar histórias (DANIELA MERCIER)

Tudo começou com uma atividade de leitura na biblioteca. A professora Nely Alves, da Escola Estadual Tomás Brandão, em Belo Horizonte (MG), queria que as crianças conhecessem os livros e recontassem uma história para a turma. O livro escolhido foi um clássico muito conhecido pelas crianças, mas ainda pouco explorado pela professora: "Os três porquinhos". "No início, seria uma atividade de leitura e contação de história, para desenvolver a oralidade. Mas os alunos ficaram tão interessados, que resolvi trabalhar a produção escrita em cima disso", afirma Nely.

Assim surgiu o projeto intitulado "Conto de fadas", que envolveu leitura, escrita, exibição de filme e teatro, a partir de uma única história. Ou seriam várias? "Depois que os alunos recontaram o conto oralmente, eu pedi que eles trouxessem de casa outros livros com o mesmo título. No final, foram quatro edições, cada uma com um final diferente", explica a professora.

Depois da leitura dos livros, foi feita a escrita coletiva

do conto: a partir das colocações dos alunos, a professora atuava como "escriba", copiando o texto no quadro. Isso era uma forma de chamar atenção para a organização do texto. "Todas as histórias começavam com 'um belo dia', 'certo dia' ou 'era uma vez'", exemplifica.

O passo seguinte foi exibir um filme adaptado do conto, para apresentar às crianças outras possibilidades de narrativa. "Mesmo já tendo visto o desenho, todos quiseram rever", conta. Depois disso, os alunos produziram textos individualmente, e uma história foi escolhida para a correção coletiva. "A própria criança já começa a enxergar o erro do outro e isso ajuda na produção individual, que fica mais elaborada."

O projeto terminou com a montagem de uma peça de teatro. As falas foram criadas pelas próprias crianças, que se revezavam nos papéis durante os ensaios. "Conto de fadas" durou cerca de um mês e todos os alunos tiveram bom desempenho. "Gostei muito do trabalho e, principalmente, do resultado", avalia Nely Alves.

Música e família

••••• Pais e crianças envolvidos em projeto escolar (FLÁVIA MORAES)

••••• Ao som das músicas dos discos *Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, e *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque, as crianças da Escola Municipal Coronel Camilo Gomes de Araújo, no Distrito Pinheiro Grosso, em Barbacena (MG), aprenderam a ler e a escrever. O projeto *Tons & Sons de Leitura e Escrita*, proposto pela professora Eliane Rocha, em 2006, quando seus alunos estavam na série introdutória, com seis anos, terminou no ano passado com resultados positivos.

Das 29 crianças da turma, praticamente todas aprenderam a ler, escrever e expor suas idéias com maior facilidade. Desenvolveram senso crítico e, além disso, passaram a confiar mais em suas capacidades. Para isso, a professora e os alunos contaram com a ajuda dos pais. Uma vez por semana, uma mãe de aluno comparecia à escola para apresentar as músicas dos discos escolhidos para o trabalho com as crianças. Após esse momento, os alunos participavam de atividades de recriação das histórias ouvidas, com pintura, dramatização, reprodução escrita e confecção de brinquedos. "A cada dia, eu percebia que as dificuldades eram vencidas. Por ser de uma zona rural carente, a turma foi incentivada pela participação dos pais, que tiveram papel fundamental no processo de aprendizagem", afirma Eliane Rocha.

Inspirados pelas canções aprendidas, os alunos escreveram poesias e histórias que recontavam as letras das músicas, e as reuniram em um livro, publicado com doações feitas por comerciantes locais. "Fizemos uma tarde de autógrafos em que distribuímos exemplares para toda a comunidade", explica a professora.

Além de alfabetizar os seus alunos, Eliane Rocha também teve outra recompensa por esse trabalho. *Tons & Sons* foi eleito um dos três melhores projetos desenvolvidos em escolas da rede municipal no Brasil pelo 2º Prêmio Luís Eduardo Magalhães — Todos pela Educação. Ela conta, satisfeita, que recebeu R\$ 15 mil como prêmio, mas, sem dúvida, o melhor presente foi o bom desempenho dos seus alunos.

Coesão e coerência

Explorado de maneira ampla e adequada, o texto é o recurso básico para trabalhar esses dois elementos da escrita (ANDREA SOLZA)

Antes de ler e escrever, as crianças já articulam e organizam as palavras para serem compreendidas. Elas sabem diferenciar um texto de um amontoado de frases sem sentido, mesmo que ainda não tenham iniciado o processo de alfabetização — principalmente, se tiverem contato com histórias, conversas e vários outros recursos de letramento. Segundo a professora da Universidade Estadual Paulista, Gládis Massini-Cagliari, as crianças produzem seus textos desde cedo pela oralidade. “Assim, elas já levam para a escola esse conhecimento sobre o que é uma estrutura que faz sentido.”

Ao trabalhar os aspectos de coesão e coerência nas séries iniciais, é função do professor apresentar aos alunos diversas formas possíveis de construir e de estruturar textos. Para a pesquisadora do Ceale Maria da Graça Costa Val, esse trabalho contribui para desenvolver a capacidade de leitura dos alunos. “Aos poucos, a criança aprende a reconhecer os

elementos de coerência e coesão que indicam e autorizam a leitura que ela faz do texto”, comenta.

Para que o professor possa conduzir esse processo de maneira adequada, ele deve contar com materiais de qualidade. Esse é um dos desafios encontrados por alfabetizadores que desejam trabalhar as noções de uma boa escrita. Para Gládis Massini-Cagliari, a “dificuldade está em achar meios para levar até a sala de aula essa diversidade textual, propiciar essa experiência. São poucos os materiais didáticos voltados para essa variedade”. Maria da Graça Costa Val sugere que os professores busquem “gêneros com os quais as crianças em fase de alfabetização estejam mais habituadas”, como convites de festa, histórias, receitas culinárias e agendas de endereços, em que elas possam anotar os dados dos colegas de classe.

CONCEITOS

Coesão e coerência são conceitos muito próximos. Segundo alguns autores, o texto é coerente se fizer sentido para aqueles que o leem, sendo passível de interpretação. A professora da Unicamp Ingedore Koch, diz que “um texto ganha coerência em uma determinada situação de interação entre duas pessoas, de acordo com uma situação específica.”

Já coesão é vista como a manifestação linguística da coerência. Diz respeito a maneira como as ideias do texto se conectam por meio dos elementos gramaticais, como os pronomes e os advérbios. Esses elementos são responsáveis pela continuidade do texto a partir dos mecanismos de seqüenciação, como o uso de conectivos, e de retomadas, como os pronomes pessoais (ele, ela etc.), empregados para fazer referência a algo que já foi citado anteriormente.

Textos e contexto

A coesão e a coerência não devem ser vistas como elementos absolutos da escrita, pois não estão presas ao texto: a situação de comunicação em que os textos são enunciados configura os sentidos da linguagem. Assim, ao trabalhá-los, tanto em atividades de produção quanto em momentos de leitura, o alfabetizador deve considerar o contexto das produções. É interessante mostrar aos

alunos que os textos são usados com diferentes funções em seu dia-a-dia e variam de acordo com a situação em que são acionados.

Alfabetizadora da Escola Municipal Rita Maria Silva, localizada em Betim (MG), Darli Dias de Andrade procura trabalhar os vários gêneros textuais com seus alunos. Uma das atividades desenvolvidas em sala de aula é a produção

coletiva. A partir desse exercício, a turma se empenha para estruturar um texto que atenda a uma necessidade real das crianças. “Em sala de aula, nós criamos situações e produzimos textos do cotidiano. Então, por exemplo, eles queriam que a pedagoga fosse à classe e contasse histórias para eles. Para resolver isso, nós escrevemos um bilhete para ela”, conta.

Produção e escrita

Segundo a professora da Universidade Estadual de Campinas, Ingedore Koch, enquanto a coesão diz respeito aos elementos responsáveis por interligar a superfície dos textos, como os pronomes e as conjunções, a coerência representa um fenômeno mais amplo pelo qual se chega a construção de sentido. Assim, apesar da distinção, a coesão e a coerência são elementos complementares e que devem ser trabalhados de maneira articulada, por meio de atividades de leitura e de produção textual.

Para analisar o grau de coerência de um texto, os elementos de coesão podem ser o ponto de partida. Após a leitura de

uma história ou qualquer outra produção que seja de interesse da turma, é importante que o professor destaque oralmente os elementos conectivos presentes no texto, como pronomes pessoais, demonstrativos e relativos. Depois, devem ser feitos exercícios de retomada, de modo a especificar a qual pessoa ou objeto as palavras como “ele” e “aquele” fazem referência. O alfabetizador também pode trabalhar expressões articuladoras que sugerem tempo, modo e lugar, com o objetivo de identificar, junto com os alunos, a relação semântica entre elas e os demais elementos do texto.

Já no âmbito da produção textual, a pesquisadora e pro-

fessora da Faculdade de Americana (SP) e autora de *Aquisição da escrita: coesão e coerência*, Edilaine Buin Barbosa, afirma que o professor não pode deixar de trabalhar a reescrita. Segundo ela, as atividades de refação são uma oportunidade para que aluno e professor possam analisar juntos estruturas incoerentes e coerentes do texto produzido pela criança. “Acho importante ter um diálogo preciso com o aluno, que pode ser oral mesmo e não por bilhetinhos. Mostrar o que dá e o que não dá para entender. Se essa instrução for clara, se o aluno perceber o que não está claro em seu texto, a coerência é que ele busque recursos para torná-lo melhor”, diz a autora.



Pelo equilíbrio do planeta

Projetos duradouros que mobilizam a comunidade escolar ajudam a gerar uma relação de respeito com o meio ambiente (VICENTE CARDOSO JUNIOR)

O Igarapé São Francisco, um dos principais cursos de água da cidade de Rio Branco (AC), sofre grave problema de degradação. O acúmulo de lixo e a ocupação descontrolada de sua margem têm provocado vários problemas na região, como constantes alagamentos de casas do entorno. Foi a partir desse problema que a Escola Estadual Berta Vieira mudou sua abordagem da questão ambiental. "As próprias crianças, quando viram a situação de suas casas, procuraram as professoras para saber se a escola poderia fazer algo", conta a diretora, Maria de Nazaré Aragão.

Como acontece com frequência no Brasil, a educação ambiental na escola se resumia a atividades pontuais. Uma mudança de valores e de atitudes na comunidade necessitava de ações mais contínuas e significativas. Para a professora do mestrado em Educação da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) Isabel Carvalho, um trabalho desse tipo deve ser capaz de "problematizar a realidade local, buscando promover nos sujeitos envolvidos um pensamento crítico sobre a questão ambiental".

Despertar o comprometimento com a construção de um mundo sustentável, onde sociedade e natureza possam conviver em harmonia, é um dos objetivos da educação ambiental.

Na Escola Berta Vieira, a primeira estratégia foi combater o acúmulo de lixo no Igarapé, em especial das garrafas PET (embalagens de refrigerantes), jogadas com frequência no local. A solução foi fazer das garrafas uma moeda simbólica, com que alunos e moradores da região devem "pagar" o uso da quadra da escola. O material arrecadado passou a ser enviado em grande quantidade para reciclagem. Mas o projeto não se encerra no recolhimento das garrafas: seu caráter educativo concretiza-se em atividades que estimulam alunos e moradores a refletirem sobre a importância desse ato para a revitalização do Igarapé e para o equilíbrio daquele ecossistema. "Um trabalho de educação ambiental não precisa resolver o problema, ele pode ir nessa direção, mas o mais importante é não perder sua dimensão pedagógica", avalia Isabel Carvalho.

Abordagem integrada e transdisciplinar

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação (MEC) sugerem a questão ambiental como tema transversal, de modo que permeie toda a prática pedagógica. No entanto, inserir o assunto em cada disciplina não é tarefa fácil para o professor. "Como a estrutura curricular dominante é disciplinar, aqueles temas ditos transversais, muitas vezes, acabam não se encaixando em lugar algum", lembra Isabel Carvalho.

Para que as questões sobre o meio ambiente não fiquem restritas às aulas de Ciências e Geografia, a proposta de temas geradores parece uma solução possível.

Professora do 5º ano da Escola Municipal Jardim Tate Clube, em Baneirópolis (SC), Nadir do Nascimento conta que a temática do meio ambiente é bastante trabalhada em suas atividades de leitura e de produção escrita. "Quando o tema proposto é a água, por exemplo, peço que os alunos tragam de casa vários materiais de leitura de casa relacionados ao assunto", relata. As crianças começam a apresentar suas interpretações dos textos e daí surge o debate sobre poluição de recursos hídricos, desperdício de água e outros desdobramentos. Em outra aula, os alunos produziram histórias em quadrinhos base-

adas em um problema ambiental discutido em sala.

A transdisciplinaridade tem sido buscada pelas secretarias de Educação e do Meio Ambiente de Baneirópolis (SC). Com o programa "Terra Limpa", procuram formar nos professores uma noção integrada do meio ambiente, destacando a conexão entre os problemas locais e seus efeitos globais. A continuidade do programa, que já existe há dez anos com ações dentro e fora da escola, é um fator fundamental para que seja possível formar uma geração com valores e atitudes sustentáveis.

ESTRATÉGIAS PARA UM PLANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

1 Planejamento coletivo - promover o debate entre os alunos das diferentes séries e incluir a comunidade nas discussões são passos importantes para a definição dos aspectos da realidade local sobre os quais se pretende intervir. Com uma organização conjunta, toda a comunidade pode se comprometer com as ações a serem realizadas.

2 Diagnóstico socioambiental - os alunos são convocados a identificar os problemas ambientais de sua realidade local, assim como a investigar suas origens. A pesquisa pode envolver levantamento de dados, consultas bibliográficas e entrevistas com moradores da região. A socialização do resultado também é importante: pode-se promover uma divulgação na mídia ou em atividades e publicações da própria escola. Outra ideia é encaminhar um relatório para o órgão governamental responsável pela solução ou fiscalização do problema.

3 Parcerias - dependendo do projeto concebido pela comunidade escolar, pode ser interessante procurar parceiros. ONGs, universidades e mesmo empresas privadas podem ajudar na concepção e no desenvolvimento das ações, na capacitação de professores, alunos e demais sujeitos envolvidos, além de contribuir para a continuidade do projeto. Para realizar um trabalho de coleta seletiva do lixo na escola, por exemplo, é interessante ter um parceiro que possa recolher e reciclar o material.

4 Aproveitamento do ambiente escolar - o próprio espaço escolar pode inspirar ações de educação ambiental, como campanhas pela manutenção da escola limpa e conservada ou pelo uso consciente do papel e de outros materiais escolares. A construção de hortas pedagógicas é outra atividade recorrente, que permite reflexões sobre o processo de plantio e os malefícios do consumo de agrotóxicos e ainda fornece alimentos saudáveis para a merenda.

A sete chaves

A leitura de diários estimula a curiosidade dos alunos e favorece a expressão de sentimentos e idéias, aspectos essenciais para o desenvolvimento pessoal da criança (FLÁVIA MORAES)

"Como gosto de anotar o que se passa comigo! Venho relatando somente os fatos mais interessantes. Hoje, por exemplo, Papai recebeu uma carta de um dos seus irmãos, do tio Zezinho, que mora no Rio Grande do Sul." Assim, Abner, um menino de 10 anos, explica como escolhe o que irá escrever no diário. Em *O Diário de Abner*, de Graziella Monteiro, o garoto começa a escrever sobre sua vida por exigência da professora e toma gosto pela tarefa. Sucesso entre adultos e jovens em títulos novos como *O Diário da Princesa* ou em clássicos como *O Diário de Anne Frank*, a literatura confessional também pode ser trabalhada com crianças.

Embora essa caracterização não seja rígida, alguns elementos marcam a narrativa

Livro de menina?

Segundo Sheila Maciel, a origem do diário remonta à Pré-História, quando os homens saíam para caçar e, na volta, anotavam nas paredes das cavernas o que haviam conseguido naquele dia. Essa era a forma que as pessoas tinham de organizar seu cotidiano e, de acordo com a professora, já pode ser considerado um diário.

Já nos séculos XVIII e XIX, os diários estiveram muito ligados à figura feminina, que dedicava seu tempo à leitura de folhetins nos jornais e à escrita de diários que contavam seu cotidiano, sonhos e romances.

Hoje a forma narrativa do diário ainda é bastante as-

sociada às garotas. "Elas se mostram mais interessadas, gostam de fazer diários. Há um modo feminino de escrever as coisas e guardar em bolsas, baús e gavetas", comenta Ninfa Parreiras.

Livros que mostram dramas vividos pelas garotas são facilmente encontrados hoje nas livrarias, já que as meninas se identificam facilmente com as situações-problema das personagens dos diários. Um exemplo é o livro *Ai, que vergonha!* – *Diário Secreto de Amarillis Flores* de Caroline Plaisted e Cherry Whytock. Amarillis reclama das roupas que tem, comenta dos namorados e acredita ter

a pior família do mundo, questionamentos próprios da pré-adolescência.

Já os meninos, a princípio, acham que diário não é para eles, por ser um tipo de escrita que exige certa delicadeza de sentimentos. Mas há garotos que se interessam muito pelos diários, como leitura e como forma de expressão. "Deve ser mostrado aos meninos que tratar os sentimentos é próprio do ser humano, de pessoas que estão vivendo em sociedade, independente de serem homens ou mulheres", explica o pesquisador do Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (GPELL) do Ceale, Marcelo Chieretto.

Entre verdade e imaginação

Com cerca de 7 anos de idade, Mônica de Camargo começou a escrever um diário. Mais tarde, já adulta, a escritora mineira procurou o diário de sua infância e fez continuidade ao que a criança tinha escrito. "Tive que fazer um esforço danado para imitar a criança". Assim surgiu o *Diário de Kika*, primeiro livro infantil da autora, vencedor do Prêmio João de Barro de literatura infantil em 1993. Esse diário é também um pequeno romance, porque apresenta a estrutura

início/meio/fim. "Isso acontece porque eu terminei o livro como adulta, já sabendo o que iria acontecer", diz.

Nem todas as aventuras de Kika, portanto, ocorreram com Mônica de Camargo, o que mostra que, em um diário, a relação entre verdade e ficção é muito sutil. A impressão de sinceridade causada pelo uso da primeira pessoa não permite, muitas vezes, que o leitor identifique o que é invenção ou realidade no diário. "Quase ninguém identifica onde a

Mônica adulta começou a escrever", afirma a autora.

Ao mesmo tempo, a escrita confessional cria cumplicidade com os leitores. A história do menino Abner, por exemplo, é sempre trabalhada pela professora Márcia Machado, da 4ª série da escola Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte (MG). Diário real de um garoto pobre, o livro é usado para estimular as crianças. "Apesar das dificuldades, ele não desistiu de estudar. É uma lição de vida."



Querido Diário...

As crianças podem elaborar seus diários em sala de aula

A partir da leitura de diários, uma das opções de trabalho com o gênero é estimular os alunos a escreverem suas próprias histórias. Para Marcelo Chieretto, do GPELL, esse tipo de atividade desenvolve uma concepção de narrativa muito saudável e importante no desenvolvimento emocional das crianças. "A vida é uma grande narrativa e, com esse processo de produção possibilitado pelo diário, os alunos passam a ter uma referência melhor

sobre o que é o cotidiano", afirma.

Para que o gênero se torne mais atraente para as crianças, é importante inovar. O diário não precisa ter somente texto, mas também pode incluir fotos e desenhos feitos pelos alunos. "Eles adoram fantasiar, criar personagens, transformar pessoas reais em ficção. Tudo isso deve ser livre no trabalho com diários. Não dá para criar amarras", destaca Marcelo Chieretto.

Os professores podem também trabalhar a elaboração do diário como uma atividade em que as crianças tenham a oportunidade de mostrar aos colegas o que fizeram, satisfazendo a curiosidade causada pelas histórias. Para Marcelo Chieretto, os alunos devem saber que vão trocar seus diários, cabendo a eles decidir quais pensamentos irão expor. "O trato com sentimentos e a forma de expor o que eles pensam é uma das bases desse trabalho todo", diz.



Qualidade das escolas: é

Condições para o planejamento coletivo e gestão democrática ajudam a definir o papel de uma boa escola na formação do aluno (Lora Lora)

Comprometimento. Para a professora Sílvia Maria Fernandes, da Escola Municipal Dora de Mattos, em Contagem (MG), essa é uma característica importante para o sucesso de sua escola, que é referência de boa educação na região. E ela está certa: com a adoção de iniciativas como a democratização da gestão e a construção de um projeto pedagógico abrangente, essa escola mostra que a qualidade da educação não é resultado do esforço individual de um professor, de um aluno ou de um diretor, mas de um trabalho em equipe.

Essas iniciativas são alguns dos fatores destacados na maioria dos estudos sobre qualidade nas escolas como importantes para a garantia de bons resultados. O mais recente é a pesquisa "Redes de Aprendizagem", do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), divulgada no primeiro semestre de 2008. A partir de um estudo empírico em 37 redes municipais escolhidas como bons exemplos, segundo os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (leia mais na pág. 11), a pesquisa considerou o foco no aprendizado do aluno como o principal indicador de qualidade das escolas. Outros aspectos também são considerados, como a formação do corpo docente e a importância do planejamento individual do professor.

Esses fatores também são apontados pelos Indicadores da Qualidade na Educação (Indique), elaborados pela ONG Ação Educativa com objetivo de ajudar a escola a diag-

nosticar seus pontos fortes e suas deficiências. "É uma auto-avaliação, um indicador qualitativo", explica a coordenadora do projeto, Vera Masagão Ribeiro. O Indique dá destaque também à gestão democrática e ao papel do diretor, à construção de um ambiente escolar que propicie o aprendizado e a boa convivência e, principalmente, à participação de toda a comunidade escolar na construção de uma boa escola.

Todas essas características que apontam para uma escola de qualidade apresentam uma coisa em comum: a preocupação com o aprendizado do aluno, que pode ser entendido tanto no sentido de adquirir as habilidades essenciais para sua formação escolar, quanto no âmbito da convivência social, com noções de respeito e cidadania. O pesquisador do Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais (Game/UFMG) José Francisco Soares afirma que o bom desempenho dos alunos é um dos principais indicadores. Para ele, a preocupação com o aprendizado dos estudantes é dever da escola e pré-requisito para um ensino de qualidade. "Escola boa é aquela em que a criança aprende", diz.

No entanto, ainda é difícil compreender o quanto cada um desses fatores realmente influencia a aprendizagem dos alunos. Talvez isso nem seja possível, pois, como afirma a especialista em gestão educacional da Universidade Federal do Espírito Santo, Gilda Cardoso de Araújo, não há uma fórmula certa para se fazer uma boa escola: "Cada escola é uma realidade".



possível fazer a diferença

De todos para todos

A escola é uma instituição complexa que conta com a contribuição de vários profissionais trabalhando em equipe. Um dos responsáveis por integrar as ações desses profissionais é o diretor da escola. O especialista em políticas públicas educacionais da Universidade de São Paulo, José Marcelino de Rezende Pinto, afirma que a gestão da escola desempenha um papel fundamental na motivação de pais, alunos, professores e funcionários, no sentido de contribuir para a construção de uma escola eficaz. "O diretor tem que ser o grande agente de mobilização da escola".

Gilda Cardoso resalta que a liderança na escola é fundamental, mas deve ser praticada de uma forma democrática. "Gestões autoritárias geram muito conflito e, desse modo, as coisas não funcionam muito bem", explica. De acordo com o Indique, a gestão participativa se caracteriza pelo compartilhamento de decisões e informações, pela preocupação com a qualidade da educação e com a transparência nas ações. "A gestão da escola deve ser democrática e transparente para conseguir corresponder às demandas da comunidade", diz Vera Masagão.

Dessa forma, a representação dos pais nos conselhos escolares, dos alunos no grêmio estudantil e a participação dos professores e dos funcionários em reuniões realizadas frequentemente é fundamental para unir a comunidade escolar e dividir responsabilidades.

Além dos aspectos pedagógicos, as reuniões escolares podem ajudar a decidir também o destino dos recursos financeiros que a escola possui. É o que propõe José Marcelino Pinto, que afirma que uma boa gestão é pensada a longo prazo. É importante projetar os possíveis usos dos recursos, seja para a formação continuada, para a aquisição de materiais pedagógicos ou para a melhoria do espaço físico adequado à proposta peda-

gógica. Para o pesquisador os recursos recebidos pelas escolas no país são insuficientes e, por isso, precisam ser muito bem aplicados.

Uma sugestão é distribuir questionários aos pais, alunos e funcionários, logo no início do ano, para registrar as principais prioridades de grupo. Em seguida, monta-se um planejamento para o ano letivo. "Um bom planejamento começa com um bom diagnóstico, que consiga captar as necessidades dos diferentes segmentos." É importante também fazer uma avaliação no final do ano para saber quais metas foram alcançadas e o quanto foi gasto. O pesquisador sugere ainda que a prestação de contas seja divulgada para toda a comunidade escolar, podendo ser, por exemplo, afixada nos murais da escola.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental do Campo Hermínio Pagóto, em Araraquara (SP), as reuniões realizadas periodicamente são essenciais para o funcionamento da escola. Adriana Maria Lopes Moraes Caravieri lembra que, quando assumiu a direção, há 12 anos, a situação era parecida com a da maioria das escolas rurais do país: estrutura física precária e ensino pouco focado nos moradores do campo. "Foi por meio das reuniões para definir o currículo, o calendário comemorativo e os aspectos temáticos que alcançamos a nossa contribuição da educação: humanizador, democrático, solidário." O trabalho de Adriana Caravieri e sua equipe foi reconhecido pela Fundação Getúlio Vargas, em 2003, quando recebeu o Prêmio de Gestão Pública e Cidadania, além de uma ajuda financeira de R\$ 20 mil para dar continuidade ao trabalho. Hoje, a escola é um ponto de referência na comunidade, prestando serviço de correios e funcionando como sede das assembleias em que os moradores discutem questões relacionadas à terra. "A escola é o espaço onde a gente consegue proporcionar o diálogo", afirma a diretora.

Pensar adiante

A ação educativa do professor dentro da sala de aula tem grande influência no aprendizado do aluno e, por isso, deve ser cuidadosamente planejada. Para isso, o professor deve organizar e orientar o seu trabalho, estabelecendo metas para ele próprio e para seus alunos. A pesquisadora do Ceale e especialista em formação de professores e em avaliação da aprendizagem, Ceris Salete Ribas, afirma que "o planejamento é um procedimento que faz parte da profissão e, sem ele, a realização do trabalho fica comprometida". Para ela, é importante que o professor crie um planejamento individual baseado na proposta pedagógica de toda a escola, e que o mantenha sob permanente aplicação e manutenção.

Coordenadora do Núcleo de Alfabetização e Letramento da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (MG) e pesquisadora do Ceale, Sara Mourão Monteiro defende que os professores discutam seus planejamentos com a equipe pedagógica e com os próprios colegas. "É importante que o professor compartilhe com os colegas o que está vendo na sala de aula para que eles também vejam e discutam o que está acontecendo." Sara Mourão destaca ainda a importância de uma equipe unida, pois um bom relacionamento facilita o diálogo e a colaboração entre os professores.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Selva Campos Monteiro, em Rio Verde (GO), todos os funcionários, desde o guarda até o diretor, possuem uma participação no planejamento geral do trabalho. "Todos nós participamos de uma reunião

em janeiro para discutir quais objetivos queremos para a escola", afirma a coordenadora pedagógica Diones Rosária Pereira Lopes Mendonça. Ela explica que, definidas as metas globais da escola, cada setor se reúne para adequar os planos individuais dentro da proposta maior da escola. "O plano anual de metas é construído tendo sempre o aluno como centro." Após o início do ano letivo, são realizadas reuniões pedagógicas mensais, nas quais o plano anual é revisto e avaliado por toda equipe. Avaliações diagnósticas dos alunos também são realizadas a cada mês e debatidas nas reuniões. O acompanhamento dos estudantes, pensado sempre dentro dos planejamentos individuais e do planejamento coletivo, foi um dos fatores que levaram a escola a obter um bom resultado no Ideb de Goiás. "Tudo é focado e planejado para que haja aprendizagem dos alunos", revela Diones Mendonça.

"O planejamento aparece como uma referência importante nas pesquisas sobre o desempenho das escolas porque é ele que organiza todas as ações em função de algumas metas colocadas para alcançar", explica Ceris Ribas. A pesquisadora lembra que o planejamento pode ter metas de longo prazo, mas deve ser feito cotidianamente. É fundamental que o professor tenha tempo para pensar o seu trabalho, de preferência remunerado para esse fim.

Na E.M. Dora de Mattos, o horário das professoras é organizado de modo que tenham sempre um tempo livre para planejar as atividades que serão dadas na sala de aula.



Esse horário é também aproveitado para encontros com a coordenação pedagógica, que é informada do progresso da turma e que orienta o corpo docente discutindo e reelaborando os planos. "Antes eu levava pilhas de livro para casa para pensar o planejamento da outra semana", lembra a professora Ocilene de Almeida Silva, responsável por uma das turmas do 2º ano. "Hoje, eu não levo nada, mas também não fico à toa no meu horário 'livre'."

Outra proposta que vem dando certo na escola é a atenção especial aos alunos com mais dificuldades de aprendizagem. Para isso, são escolhidas, no começo do ano, duas professoras da equipe para serem responsáveis pelo que a escola chama de intervenção pedagógica. Elas trabalham durante o horário de aula em salas separadas com grupos de alunos que não vêm apresentando bom desempenho. Enquanto isso, a professora responsável pela turma não ensina conteúdo novo. Essa estratégia só funciona devido ao planejamento de horários montado pela coordenação pedagógica. Ele favorece o diálogo entre as educadoras, que podem se encontrar regularmente para trocar informações sobre os alunos e para planejarem suas aulas de acordo com o andamento da turma. A importância desse planejamento individual é confirmada pela professora do 3º ano Magna Maria Terezinha Silva Marques: "Professor que não planeja encontra muita dificuldade para dar aula."

Caminhos possíveis

Em Ituiutaba (MG), todas as escolas da rede municipal adotam, desde 2005, o Indique como instrumento de auxílio na identificação e resolução das dificuldades escolares. Na Escola Municipal Cime Tancredo de Paula Almeida, a aplicação dos Indicadores vem dando bons resultados. "No princípio, as pessoas não acreditaram muito que o resultado poderia ser satisfatório. Houve uma certa resistência", revela a diretora Vilma Aparecida Paixão do Amaral Oliveira. "Foi através dos diálogos nas reuniões que todo o grupo foi se sensibilizando sobre a importância do trabalho a ser desenvolvido."

Vilma Oliveira explica que, hoje, todas as ações da sua escola são baseadas no Indique. Reuniões bimestrais são realizadas com todos os segmentos da escola, incluindo os professores, o conselho escolar e o grêmio estudantil, além da própria equipe gestora. Os problemas encontrados no espaço escolar são levantados e discutidos e, em seguida, incorporados a um plano de ação. As propostas previstas nesse plano são distribuídas entre os segmentos e a responsabilidade por sua aplicação é dividida entre todos os envolvidos no ambiente escolar. Na reunião seguinte, é feita uma avaliação do que foi realizado dentro do Plano de Ação, que é reestruturado para o próximo bimestre.

Há quatro anos na gestão da escola, Vilma Oliveira lembra que, nas primeiras reuniões, entre os aspectos mais criticados estavam a gestão escolar, o desempenho dos alunos e a infra-estrutura do prédio. Hoje, a diretora afirma que há maior participação dos sujeitos da escola na tomada de decisões e que o prédio escolar vem sendo lentamente reformado, e já conta com biblioteca, quadras para prática esportiva e computadores novos. Isso, segundo ela, influenciou positivamente o desempenho dos alunos, favorecendo o aprendizado. "Para mim, os Indicadores ajudam a trabalhar de uma forma mais

democrática na escola. As pessoas desenvolvem um sentimento de pertencimento porque todos participam e dão suas opiniões, e isso facilita o trabalho do gestor."

Ambiente escolar

Outro fator muito importante na busca por uma escola de qualidade, sempre mencionado em pesquisas nessa área, é a presença de um ambiente que favoreça o trabalho dos profissionais da escola e também o aprendizado do aluno. Esse ambiente não se refere somente à estrutura física das instalações da escola, apesar de esse também ser um fator importante. Ele diz respeito ao clima institucional da escola como um todo.

Para a professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Alicia Maria Catalano de Bonamino, é essencial que esse clima dê ênfase ao processo de ensino-aprendizagem. "Quando a escola tem claros objetivos pedagógicos e compromisso com o ensino e a aprendizagem, ela apresenta resultados melhores."

Um ambiente escolar também não pode ser criado plenamente sem uma boa integração entre a equipe de funcionários da escola. A cooperação entre professores, coordenação pedagógica e diretoria é fundamental para a democratização da gestão e para a elaboração do projeto pedagógico, além das discussões entre os professores sobre o desempenho das turmas. Na E.M.E.F. Professora Selva Campos Monteiro, toda a equipe colabora na solução dos problemas. "Todos estão inteirados da proposta pedagógica", afirma a coordenadora Diones Mendonça sobre o envolvimento de pais, alunos e funcionários.

Para as professoras da E.M. Dora de Mattos, o entrosamento da equipe é essencial para a implantação de novos projetos. "Quando você lida com pessoas, é preciso ter um relacionamento baseado no diálogo e no respeito", diz Lívia Fernandes, professora da escola há 20 anos. Além dela, outras professoras estão na escola há bastante tempo, o que facilita o trabalho coletivo. Segundo Gilda Cardoso, a alta rotatividade de professores em uma escola prejudica a consolidação do projeto pedagógico. Na maioria das vezes, o professor não permanece em uma determinada escola por causa da falta de infra-estrutura, ou pela localização em uma região perigosa e afastada de sua residência. Tudo isso influi negativamente no funcionamento da escola.

Alicia Bonamino acredita que as escolas possuem, hoje, perspectivas mais claras e concretas. Tanto que os últimos resultados do Ideb mostram sensível melhora no desempenho de boa parte das escolas e o cumprimento de quase todas as metas estabelecidas em âmbito nacional e estadual. "Estamos tomando iniciativas que, a médio e longo prazo, terão efeito positivo. Eu acho que isso está acontecendo pela primeira vez." Contudo, é importante ressaltar que as metas principais da escola devem ser definidas por toda a equipe de profissionais, em conjunto com pais e alunos. Afinal, quem determina a qualidade da escola é a própria comunidade escolar.

José Francisco Soares lembra que há diversos fatores externos à escola, que influenciam a sua qualidade. Porém, fatores internos da organização, infra-estrutura, gestão e planejamento podem ser mudados. "A escola pode fazer uma diferença fantástica", afirma o pesquisador. Para isso, é preciso o envolvimento de todos: pais, funcionários, alunos, pedagogos, gestores e professores.

Formar para formar

"Um professor preparado é fundamental para uma escola bem organizada", afirma a especialista em formação de professores da Universidade Federal de Minas Gerais, Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos.

O primeiro passo para o bom desempenho na sala de aula é dado na formação inicial. "Se você tem um bom alicerce, é possível manter a casa sempre renovada", compara a pesquisadora. Ou seja, sendo a primeira formação bem realizada, o professor pode usufruir melhor dos cursos de formação continuada, que a pesquisadora considera fundamentais para o aprimoramento profissional do professor. "Ele precisa se renovar sempre, atualizar seus conhecimentos."

Na E.M. Dora de Mattos, em Contagem (MG), a equipe de professoras e pedagogas é unânime em afirmar que os cursos de formação continuada são essenciais para assegurar a evolução que a escola está apresentando. "Elas estão sempre em cursos de formação e isso favorece bastante. A experiência delas em alfabetização é muito grande", comenta a pedagoga Idarlene Aparecida Rezende dos Santos. Isso contribui para aumentar ainda mais o bom desempenho dos estudantes do 1º ciclo e para reduzir a taxa de evasão escolar, que não registrou casos no ano passado.

Para a professora do 1º ano Heloisa Cristina Rocha, outro fator fundamental é a noção que toda a equipe possui do ciclo. Como a rotatividade de professores nas escolas públicas é muito alta, é comum a falta de continuidade do trabalho quando a criança passa para o ano seguinte. Na E.M. Dora de Mattos, são realizadas avaliações diagnósticas no início e no final do ano letivo, e os resultados são informados à professora que assumirá a partir do ano seguinte. Desse modo, ela sabe o que já foi trabalhado, em que os alunos têm dificuldade e, assim, planeja-se melhor para continuar o trabalho já iniciado, sem ter que começar do zero.

O que é "qualidade"?

"Qualidade" não é um termo que se pode definir e amarrar. Está sempre acompanhando as dinâmicas sociais e históricas de uma cultura", explica Gilda Cardoso. Pensar em "qualidade nas escolas" é bastante vago e pode assumir diversos significados, dependendo do contexto. Até a década de 80, por exemplo, havia um número insuficiente de vagas nas instituições de ensino e, por isso, a garantia de acesso era uma das principais buscas de uma educação de qualidade. Hoje, esse acesso não é mais problema. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios apontou, em 2006, que 94,5% das crianças e jovens entre 7 e 14 anos estão matriculados no ensino fundamental, porém as dificuldades de agora estão relacionadas ao baixo índice de aprendizado dos alunos.

Esse desempenho não está relacionado somente à escola. Há uma série de fatores externos que também influenciam o aprendizado da criança, como as condições sócio-econômicas, a desigualdade social e o nível de renda familiar. Para mostrar a complexidade dessas relações, algumas pesquisas indicam que famílias de baixa renda que incentivam os estudos e a leitura constroem predisposições, em seus filhos, para uma melhor aprendizagem escolar. Apesar de os fatores extra-escolares terem grande impacto no aprendizado do aluno, o papel da escola também é fundamental. Por isso, uma escola que pensa no seu aluno é uma escola que favorece o processo de aprendizagem.

Transformar a escola em um ambiente mais propício ao aprendizado da criança exige cooperação total da comunidade escolar, que acaba modificando os fatores externos à escola. É um processo longo, mas, como afirma José Marcelino Pinto, "uma escola não fica boa da noite para o dia".

O IDEB

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica é uma iniciativa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) que estabelece metas biênis de desempenho para cada escola do país até alcançar um objetivo final, em 2022, que é apresentar níveis compatíveis com os de países mais desenvolvidos. Para medir esses níveis, o Ideb considera que os elementos definidores da qualidade de educação são o fluxo escolar e as médias de desempenho dos alunos no Saeb e na Prova Brasil. Para Alicia Bonamino, o Ideb deve ser entendido como uma sinalização para as escolas. "Ele mostra que a escola deve estar atenta também às taxas de evasão e repetência, e não somente ao desempenho." Gilda Cardoso alerta que os resultados devem ser usados como guias das ações escolares, e não como parâmetro de comparação de melhores e piores escolas.

EFEITO ESCOLA

O Indicador de Efeito Escola (IEE) é um método utilizado para apontar como e em que aspectos, especificamente, a escola influencia o aprendizado do aluno, independentemente dos fatores sociais, culturais, econômicos e familiares. Segundo José Francisco Soares, é um instrumento importante para entender melhor como as ações pedagógicas desenvolvidas na escola auxiliam o processo de aprendizagem escolar. Uma de suas pesquisas, realizada pelo Game/UFMG na rede municipal de ensino de Belo Horizonte (MG), mostra que há diferenças no desempenho de alunos matriculados em escolas da mesma rede. Ou seja, algumas escolas alcançam efeito positivo maior no aprendizado dos alunos. "Dependendo de onde a criança estuda, ela pode estar até dois anos na frente de outras crianças. Isso indica que as melhorias possíveis com políticas escolares são enormes", afirma o pesquisador.



“O mundo da escrita não se resume à sala de aula e ao livro didático”

Uma grande oferta de livros nas escolas é indispensável, mas nem sempre é suficiente para a formação de leitores competentes. Os mediadores, entre eles os professores e bibliotecários, precisam estar atentos à diversidade de práticas culturais e ao interesse das crianças e jovens de hoje, para buscar novas possibilidades de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. É o que defende o pesquisador francês Max Butlen na Universidade de Cergy-Pontoise, ligado ao Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas (INRP/Paris). Responsável pelo Programa de Desenvolvimento da Leitura e de Implantação de Bibliotecas em Escolas francesas durante uma parte da gestão Mitterrand, ele representou o governo da França no programa Pró-Leitura, criado em 1992, em parceria com o Ministério da Educação brasileiro.

Nesta entrevista ao *Letra A*, ele afirma que “o mundo deve ser lido fora da sala de aula também”. Max Butlen fala da importância de políticas públicas que articulem quantidade e qualidade dos livros, condição que só será alcançada com uma boa formação dos professores e demais mediadores. “É papel dos mediadores selecionar e promover obras de qualidade”, diz. Além disso, ele sugere que devem ser utilizados não somente livros didáticos, mas também outros recursos que enriqueçam o ensino como idas a bibliotecas, museus e cinemas, e as tecnologias modernas de informação e de comunicação (ANDREA SOUZA E FLÁVIA MORAES)

Quais são os principais desafios das políticas públicas de formação de leitores?

No final do século XX, em vários países, aconteceram mudanças a favor da leitura. Passou a existir um consenso de que deveria haver melhor formação do leitor e maior oferta de leitura. Uma idéia que rompeu com esse consenso foi a dificuldade de articular a quantidade e a qualidade da oferta. A meu ver, o principal desafio é levar em conta todos os leitores, respondendo às especificidades de cada grupo, o que permitirá a formação de leitores polivalentes, capazes de ler todos os tipos de textos. Isso supõe um outro tipo de formação desses leitores, e um outro tipo de formação dos professores.

Como promover a articulação entre quantidade e qualidade de leitura?

É papel dos mediadores selecionar e valorizar obras de qualidade. Para isso, precisamos estabelecer parcerias entre pesquisadores, professores, bibliotecários e profissionais do livro, que devem atuar nessa mediação, acompanhando e permitindo o desenvolvimento de novas práticas culturais, abrindo novos horizontes aos alunos. Além disso, é importante pensar em uma formação dos mediadores, inclusive os pais das crianças, para que seja feita uma capacitação dos sujeitos que serão úteis para a formação desse leitor. O mais importante é que leitura supõe sociabilidades, supõe uma comunidade de leitores, e, através dessas sociabilidades, creio que poderemos promover a articulação entre quantidade e qualidade, assim como intercâmbios e debates que favoreçam trocas entre leitores.

O senhor afirma que a ênfase dada pelas políticas públicas à oferta de livros cria uma ilusão. Em que consiste essa idéia?

Nos anos 40 e 50, havia poucas bibliotecas na França. Na época, os bibliotecários pensavam que, se fosse diversificada a oferta de livros dentro das bibliotecas, e que, se nestas houvesse um bibliotecário bem formado, o público automaticamente se tornaria usuário desses espaços e, conseqüentemente, seria um leitor. O que aconteceu? Multiplicamos as bibliotecas, a oferta de livros, os bibliotecários. No final, o número de leitores aumentou, mas não tanto como esperávamos. Concluímos então que não basta uma grande oferta de leitura para tornar leitores todos os que não o são. Claro que há uma melhoria, que vale a pena, mas isso não é mágico. A aproximação entre livros e leitores não aboliu a distância social e cultural da escrita. Para melhorar o resultado da oferta, é preciso, não apenas ampliá-la, mas também mudar a maneira de oferecer. Porque o que é feito atualmente não leva em conta de maneira suficiente os novos públicos, que estão muito distantes da cultura escrita. Isso inclui pensar que, se você apresentar *Macunaíma*, *Os Sertões*, ou Clarice Lispector a quem nunca leu um livro, vai encontrar dificuldades. Além da qualidade do livro, a maneira de oferecer tem que ser repensada. Por isso, devem ser levadas em conta as culturas reais desse leitor, e também as novas práticas sociais de leitura, para que os trabalhos com a leitura se apoiem nisso, abrindo perspectivas. Nesse sentido, a oferta pode não ser suficiente, apesar de ser indispensável.

Você defende que, primeiro, o leitor seja apresentado a textos que fazem parte do seu cotidiano para, com o tempo, ser apresentado a autores como Clarice Lispector ou a Machado de Assis?

Não estamos prontos para ler qualquer autor ou texto a qualquer momento de nossas vidas. Os percursos de leitura são flexíveis, variáveis, não retílineos e, geralmente, são bem ligados aos percursos de vida e à evolução das experiências e gostos. O mediador, então, pode incentivar novas possibilidades e perspectivas no campo da literatura, bem como no campo da cultura escrita, mas é sempre o leitor que decide suas preferências. É importante abrir novos horizontes de leitura, mas não apenas da cultura clássica, e também de outros tipos de escrita e suportes. Cada experiência e cada prática cultural devem ser respeitadas, levando em conta suas especificidades, e também permitindo intercâmbios entre culturas regionais, culturas inter-regionais, nacionais, internacionais — do passado, do presente e do futuro.

Os professores já se deram conta da importância que o contato com diversas culturas tem para a formação dos leitores?

Na França, a questão da leitura se tornou uma prioridade nacional a partir dos anos 80, aproximadamente. Daí a preocupação maior dos professores, desde então, de fazer com que os jovens franceses se integrassem à cultura escrita. Esse eixo tem uma grande importância na formação dos professores, bem como na dos demais mediadores. Os professores sabem que a cultura da escrita fornece as chaves que permitem o contato com diversas práticas culturais e culturais, e isso pode ser verificado em todas as disciplinas. Na literatura infanto-juvenil, há uma lista de livros recomendados pelos formadores e pelos ministérios da educação. O critério de valorização da interculturalidade, por exemplo, faz com que os professores incentivem a leitura de textos do patrimônio nacional e internacional. No Brasil, entre os livros indicados para os jovens de 7 a 10 anos, aparecem *Conto de escola*, de Machado de Assis, *Cenas de rua*, de Angela Lago, e *Cobra Norato*, de Raul Bopp, mas vários textos de outros países também. Os professores manifestam grande interesse por esse tipo de proposta.

Como é possível formar esse professor de leitura e de escrita?

Nos países latinos, o sistema de ensino me parece muito centrado no professor. A tradição é aprender na sala de aula, com o professor e com o livro didático. Na verdade, deveria haver oportunidade para os alunos descobrirem que existem outros lugares de aprendizagem na escola, fora da sala de aula. Isso supõe que o professor incentive o aluno a aprender sem ele, em outros lugares, como em uma biblioteca, seja real ou virtual. Supõe também uma outra postura do professor. Essa é uma questão problemática em muitos países, porque não corresponde à formação do professor e à tradição escolar. É importante que se crie uma nova relação com o saber. A escola, às vezes, tem algumas resistências para caminhar mais rápido. Os alunos devem pesquisar nas bibliotecas sem o professor, que pode ajudar a localizar, selecionar, tratar os elementos, mas é o aluno que tem que exercer o papel central, e não o professor ou o livro didático.

Além de sair da sala de aula para a biblioteca, é importante o professor visitar com seus alunos outros lugares, como museus e cinemas, para integrá-los ainda mais a esses espaços da leitura e da escrita?

É claro que o mundo da leitura e da escrita não se resume à sala de aula, ao livro didático e à biblioteca. Devem ser abertos outros campos de acesso à cultura em geral e à cultura escrita. Isso supõe uma abertura da escola para o mundo. Houve uma melhora significativa nesse sentido em muitos países, inclusive no Brasil, onde as escolas têm proporcionado essa abertura, mas ainda deve haver um esforço maior para interligar a escola ao mundo. Podemos falar de leitura também como leitura do mundo. E o mundo deve ser lido fora da sala de aula também. As aprendizagens culturais e as aprendizagens escolares se fortalecem mutuamente.



MAX BUTLEN - pesquisador francês que defende uma nova relação com a leitura

“Não basta uma grande oferta de leitura para tornar leitores os que não o são. Isso não é mágico”



“O Pisa avalia grande diversidade de países sem considerar as diferenças entre eles. Mas pode estimular mudanças positivas”

Os mediadores estão preparados para formar esse leitor polivalente?

É o novo desafio. Acredito que o professor esteja mais preparado para formar o leitor polivalente. Mas ainda temos que melhorar, porque, muitas vezes, o professor se limita à disciplina que ensina, ao conteúdo que domina e conhece muito bem. Mas ele tem que atentar para essa idéia de polivalência da leitura, em que é possível fazer uma leitura muito rica em vários suportes, mesmo fora da sua disciplina. Para isso, é necessário trabalho em equipe, trabalhar com outras disciplinas. É verdade que, hoje, a formação dos professores tem dado maior relevo à questão da interdisciplinaridade, mas estamos apenas começando a fazer um trabalho realmente dessa natureza.

Como avaliações dos sistemas de ensino, como o Pisa, têm refletido na implementação de políticas públicas educacionais?

A cultura da avaliação não é uma coisa muito antiga, tem 20 ou 30 anos, no máximo. Temos que desenvolver ferramentas realmente eficazes para nortear as políticas educacionais, para melhorar a qualidade da educação e saber quais alunos são deixados no meio do caminho, quais são os resultados, as performances e as competências. Devem ser analisados, então, os resultados na sala de aula. A partir do momento em que as avaliações cumprirem mesmo essas funções, elas serão úteis para o professor, e não somente uma ofensa ao seu trabalho. A avaliação tem que ajudar o professor a construir projetos. Se ela o ajuda a construir um projeto melhor, para que se possa atender melhor aos alunos com mais dificuldades, ótimo. A avaliação deve ser formativa. Esse é o problema da maioria das avaliações nacionais e internacionais. O Pisa (*Programa Internacional de Avaliação de Estudantes*), por exemplo, avalia grande diversidade de países sem considerar as diferenças entre eles. Por outro lado, ele motiva esses países a situarem sua educação diante das outras nações, o que pode estimular mudanças positivas, apesar das críticas. Na França, nós vimos que os alunos, na área de leitura e de escrita, são alunos de nível razoável. Comparando a outros países do mesmo patamar de desenvolvimento, temos mais ou menos a mesma faixa de resultados. Mas foram encontrados também alguns pontos fracos, e isso ajuda a nortear políticas educacionais. Os alunos franceses, por exemplo, têm bons resultados quando precisam selecionar e localizar informações. Mas isso muda quando precisam expressar opinião, defender uma posição pessoal. O aluno francês não tem muita confiança em si mesmo. Ele tem medo de ser criticado e prefere não responder a responder errado. Isso diz muito a respeito da sua relação pedagógica com os professores.

Como a institucionalização das políticas de leitura pode contribuir para a formação de leitores?

Podemos falar em institucionalização na medida em que os poderes públicos, que cuidam da questão da leitura, são mais numerosos, principalmente no final do século XX. Não apenas o Ministério da Educação, mas também o da Saúde, do Trabalho e da Justiça, na França, por exemplo, podem levar em conta a questão da leitura. Nos hospitais, responsabilidade do Ministério da Saúde, a leitura pode ser importante para pessoas doentes e, às vezes, ter mesmo um papel na cura. Instalar bibliotecas nos hospitais, portanto, é uma idéia interessante. Nas penitenciárias, da mesma forma, os presos podem voltar a estudar como parte da política de reintegração à sociedade. Essas são formas de encontrar novos leitores, que, geralmente, estão muito distantes da cultura escrita.



4 anos

São 15 edições regulares e 2 edições especiais que buscam contribuir para a prática do professor.

Comencere com o Letra A. Assine e compare as edições anteriores.

Para assinar: www.oxale.fae.ufmg.br ou (31) 3409 6211

Livro na Roda

Ai, que vergonha! – Diário Secreto de Amarilis Flores – Caroline Plaisted, Cherry Whystock. Ed. Melhoramentos, 2006. Amarilis é uma garota de 12 anos que sonha ser famosa. Para isso, conta com a ajuda de sua grande amiga, Alexandra, com quem cria diversos modelos de roupas. No diário, a menina também fala sobre seus pais, irmãos e namorados, e faz desenhos que ilustram sua vida.

Diário de Kika – Monica Dirce de Camargo Coutinho. Ed. Formato, 1997. Kika é uma menina de dez anos que adora escrever em seu diário. Seu irmão mais velho, Rafa, é um grande amigo que sempre corrige os erros de ortografia da garota e a ensina a andar de bicicleta. Feliz e peralta como toda criança, Kika vê sua história tomar um rumo diferente e emocionante.

O Diário de Abner – Graziella Lydia Monteiro. Ed. Comunicação, 1987. O livro conta a história real de Abner, um menino pobre que consegue vaga em uma das melhores escolas públicas de Belo Horizonte, entre os anos 50 e 60, e que quer se formar em medicina. Aplicado, o garoto de dez anos escreve no diário sobre seu dia-a-dia e conta as dificuldades que sua família enfrenta unida.

O Livro da concentração: o linguístico e o literário – Dercir Pedro de Oliveira (org.) Editora UFGS, 2006. No capítulo *As múltiplas representações do diário íntimo*, Sheila Dias Maciel discute as várias funções que o diário pode assumir como escrita memorialista. Além disso, a autora defende que, por revelar sentimentos pessoais, as possibilidades de leitura desse gênero também são múltiplas.

Escolas de qualidade

Pesquisa em eficácia escolar: Origens e trajetórias – José Francisco Soares e Nigel Brooke (orgs.). Ed. UFMG, 2008. Uma seleção de diversas pesquisas que traçam um panorama das atuais discussões acerca de efeito-escola e da qualidade do ensino. Organizado por pesquisadores do Game/UFMG, conta com a colaboração de diversos especialistas internacionais.

<http://www.acaoeducativa.org.br/indicadores> - *SIFE* dos Indicadores da Qualidade na Educação. Contém as últimas informações sobre o projeto. A versão mais recente do caderno pode ser baixada na seção "Downloads".

http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_11941.html - Pesquisa da UNICEF intitulada "Redes de Aprendizagem" que investigou as razões do sucesso escolar de 37 redes municipais de Ensino Fundamental do país.

Coesão e Coerência

O texto na alfabetização: coesão e coerência – Gladis Massini-Cagliari. Mercado das Letras, 2001. Neste livro, a autora recupera as teorias dos estudos da Linguística Textual sobre coesão e coerência, iniciados na década de 60, na Europa. A obra também discute, com exemplos, as noções de texto escrito transmitidas pela escola e a produção textual na fase de alfabetização. Pode contribuir para complementar a prática em sala de aula e atualizar o conhecimento dos professores em torno de questões textuais.

Aquisição da escrita: coerência e coesão – Edilaine Buin Barbosa. Editora Contexto, 2003. Nesta obra, a autora reflete sobre a aprendizagem da escrita e da leitura a partir do trabalho desenvolvido por ela com duas crianças.

Edilaine Buin acompanha de perto o processo de aquisição de escrita e descreve aspectos importantes do trabalho com o texto. Ao longo do livro, a autora também apresenta algumas produções dos alunos para falar das atividades desenvolvidas e analisar as construções elaboradas pelas crianças nas etapas da escolarização.

Redação e textualidade – Maria da Graça Costa Val. Editora Martins Fontes, 2006. Neste livro, a autora discute noções de texto e textualidade, para, depois, explicar questões mais específicas de coesão e coerência. Seu objetivo é tratar da redação na escola de uma maneira mais geral, a partir de uma concepção interacionista e ampla de linguagem. Apesar de estar mais voltada para professores do ensino médio, a obra traz informações válidas para todos os interessados no ensino da escrita.

Educação ambiental

Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico – Isabel Cristina de Moura Carvalho. Ed. Cortez, 2004. Proposta para formar sujeitos com atitudes e comportamentos ecologicamente orientados, esta obra apresenta uma visão crítica sobre a educação ambiental e sua atual situação na realidade brasileira. Indica caminhos para uma prática educativa interdisciplinar, relacionada com a realidade local, atribuindo ao professor papel fundamental na formação de "leitores" da realidade ambiental e de seus conflitos.

Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável – Michael Stone e Zenobia Barlow (orgs.). Ed. Culturix, 2006. O livro é baseado nas experiências em Educação Ambiental do Centro de Eco-Alfabetização de Berkeley, nos EUA. Com o relato de projetos desenvolvidos pelo Centro em parceria com escolas norte-americanas, os artigos e ensaios aliam teoria e prática na proposição de uma educação ambiental transformadora, capaz de formar crianças "ecologicamente alfabetizadas".

Reflexões e práticas para desenvolver a Educação Ambiental na escola – Enise Maria Bezerra Ito Isaia (org.). Ed. IBAMA, 2000. Apresenta uma metodologia de formação em educação ambiental, preparando os professores para uma prática que articula o trabalho dentro e fora da escola. Propõe o exercício do diagnóstico socioambiental e conta com um roteiro de atividades que pode subsidiar o desenvolvimento de um projeto de educação ambiental.



PERFIL

Vocação para aprender

Jovem professora do interior da Paraíba quer exercer pelo resto da vida, junto com a profissão de ensinar, o papel de estudante
(VICENTE CARDOSO JUNIOR)

Patrícia Silva Rosas tem 25 anos e, até hoje, não se esquece da época em que estava sendo alfabetizada. “Era uma felicidade imensa poder “decifrar” o que estava num livro, numa cartilha ou espalhado pelas ruas”, lembra com carinho. A primeira vez em que sua professora a chamou na frente da sala para ler um texto da cartilha foi um dos dias mais marcantes da sua vida escolar. “Quando eu fui para a sala de aula como professora, há nove anos, eu queria que meus alunos passassem pelas mesmas experiências.”

Nascida em Campina Grande, cidade de quase 400 mil habitantes no interior da Paraíba, Patrícia Rosas estudou toda a vida em escolas públicas da cidade natal, onde vive até hoje. Curso o ensino médio em uma escola Normal e, desde que ingressou nessa etapa escolar, aos 16 anos, trabalha como alfabetizadora.

Hoje ela leciona na Escola Municipal Maria da Guia Sales Herminio, em Pocinhos (PB), a cerca de 60 km de sua cidade. No ano passado, o primeiro na comunidade, um trabalho com sua turma de 4ª série afetou toda a comunidade de uma maneira inesperada. O projeto “A carta em minha vida” foi desenvolvido para trabalhar a escrita de seus alunos e conscientizá-los sobre o papel social desse gênero. As crianças produziram cartas a serem enviadas para suas próprias casas e também para a professora, mas, depois de algum tempo, Patrícia Rosas percebeu que as crianças não recebiam de volta as correspondências. “Quando eu cheguei na agência, o carteiro me entregou um bolo de cartas que estavam lá acumuladas.” A maioria das casas do bairro onde a escola está localizada não tinha número e muitas ruas não tinham nem mesmo nome. A professora, em articulação com os moradores do bairro, entrou em contato com a Prefeitura para que os endereços da região pudessem ser organizados. “Foi empolgante porque envolveu a comunidade e mobilizou também todos os alunos”, comenta.

Este ano, Patrícia Rosas tem lidado com um desafio diferente: trabalhar com uma turma de crianças com defasagem na relação idade-série. Uma de suas estratégias para minimizar os atrasos desses alunos na aprendizagem da leitura e da escrita tem sido “levar para a sala uma experiência concreta da língua”. Para não limitar suas aulas ao livro didático, a professora procura explorar a maior variedade possível de gêneros textuais. De revistas a tampas de garrafas, a professora conta que sempre sai de casa com “sacolas e mais sacolas” para realizar um trabalho de leitura com materiais que façam parte do dia-a-dia de seus alunos.

Em busca de formação permanente

Numa família de nove filhos, com pais e irmãos pouco escolarizados, Patrícia Rosas afirma que “nadou contra a correnteza” para fazer dos estudos uma prioridade em sua vida. Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), há dois anos, Patrícia é a única da família que possui formação superior. O desejo de ser professora, cultivado desde a infância, foi uma motivação para que ela seguisse um caminho diferente do de sua família. Sobre a área em que atuaria, nunca teve dúvidas: matéria preferida de sempre – Português – orientou a sua formação.

Além das tardes ocupadas pelas aulas em Pocinhos, Patrícia Rosas trabalha pela manhã na rede municipal de Queimadas, cidade a 15 km de Campina Grande. Lá, dá aulas de Português para os anos finais do ensino fundamental. Mesmo com tanto tempo dedicado às aulas e ao inevitável deslocamento entre as três cidades, ela não dá por encerrada sua vida de estudante. Em abril deste ano, ingressou no curso de especialização em Língua Portuguesa da UEPB. Paralelamente, tem freqüentado, como aluna especial, o mestrado na área de Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Patrícia Rosas declara com orgulho estar “sempre preocupada com sua formação permanente”.

O apoio da família sempre foi fator importante para

que a professora desse continuidade aos estudos. “Meus pais nunca mediram esforços para me ajudar, comprando livros, pagando congressos e me mantendo na universidade.” Em casa, a moça ocupa cada vez mais espaço com seus materiais: livros acadêmicos, literários, didáticos e paradidáticos, entre revistas e outros tipos de impressos – a mãe sempre brinca que a filha vive em um “quarto de papel”. Para Patrícia, seu comprometimento com os estudos tem sido um estímulo para que a família volte a estudar: alguns irmãos estão fazendo curso supletivo e o mais novo acaba de entrar para a faculdade, seguindo o mesmo caminho da irmã. Está cursando Letras, também na UEPB.

Quando vai às aulas de sua especialização, a professora, satisfeita, encontra pelos corredores da universidade vários ex-alunos do ensino médio. Continuar na vida acadêmica é um de seus maiores projetos. Ela pretende fazer seleção para o mestrado já no próximo ano, voltando-se para a análise do discurso como linha de pesquisa. Mas, mesmo ampliando suas áreas de atuação, Patrícia Rosas afirma que trabalhar com a alfabetização estará sempre entre seus interesses. “Eu percebo que os problemas sérios das minhas turmas de ensino médio têm origem lá na base. Por isso, sempre penso que um trabalho bem feito na alfabetização pode resolver a maioria desses problemas.”



Patrícia Silva Rosas com seus alunos da Escola Municipal Maria da Guia Sales Herminio (Pocinhos/PB) e o diretor da escola